

Você está preparado para produzir mais carne e salvar o planeta?

Por *sergioraposo* em 1 de outubro de 2013

Esta última semana foi movimentada para quem tem interesse em mudanças climáticas e produção pecuária.

Em Estocolmo, foi finalizado e divulgado o mais recente relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), que é o fórum das Nações Unidas para este tema. Em síntese, ele apenas reforça o que já se sabia em 2007, mas com um maior grau de certeza e, infelizmente, com projeções mostrando uma piora nos cenários, ou seja, maior aquecimento e consequências mais intensas. Até o final do século, diz o relatório, a temperatura subirá entre 1,3 oC e 3,7 oC, que, a primeira vista pode parecer pouco, mas não é! Basta lembrar que se trata de energia para esquentar nosso planeta inteiro que fica mais fácil entender a enormidade de aumento de energia retida que isso significa. As consequências vão desde voos de avião mais turbulentos até aumento de eventos extremos, como tempestades e furacões, passando por modificações na produção agrícola que trarão imensos desafios aos cientistas e agricultores para manter crescente a produção de alimentos.

Já em Roma, na última quinta-feira, a FAO lançou um relatório com o título "**Combatendo a mudança climática através de pecuária: uma avaliação global das emissões e mitigação**". O objetivo deste, segundo a própria FAO, foi identificar as opções de mitigação para a cadeia produtiva pecuária, aperfeiçoando o relatório "**A Grande Sombra da Pecuária**" de 2006. Muito além de ser meramente um aperfeiçoamento, foi uma radical mudança de perspectiva, o que fica claro apenas pelos títulos diametralmente opostos. O primeiro foi alvo de pesadas críticas, especialmente por abordar o tema de forma extremamente negativa e com tom sensacionalista, além de conter graves erros como o famoso caso de atribuir a atividade pecuária maior emissão do que o setor de transportes, sendo que no caso do primeiro todo C da cadeia produtiva era contabilizado, enquanto que, para os transportes, apenas o CO2 desprendidos dos escapamentos.

O novo relatório, dado o novo posicionamento, foi recebido com entusiasmo pelos envolvidos no setor pecuário, inclusive no Brasil. A afirmação que "Uma redução de 30% nas emissões de gases de efeito estufa (GEE) seria possível se os produtores em um dado sistema, região ou zona climática adotassem as

tecnologias e práticas atualmente usadas por seus pares com menores índices de emissão (emissões por unidade de produto animal)” soou como música para os ouvidos dos envolvidos com o setor, acostumados apenas com más notícias quando o assunto é pecuária e mudanças climáticas.

A ideia por trás da assertiva destacada acima é aumentar a eficiência de produção e produzir menos GEE por unidade de produto. Assim, preciso de menos bois para produzir a mesma carne e elimino (ou reduzo) animais produzindo GEE sem contrapartida de produção de carne, ou seja, animais perdendo peso e fêmeas vazias. Isso não é exatamente uma novidade, como prova um texto publicado por mim em Junho do ano passado (<http://www.beefpoint.com.br/cadeia-produtiva/sustentabilidade/aquecimento-global-e-pecuaria-o-que-todo-pecuarista-deve-saber-sobre-ele/>) explicando exatamente isso. A boa nova foi a FAO ter adotado esse novo tom em que se reafirma que a pecuária é, sim, parte do problema, mas que também deve ser parte da solução, com a vantagem de ajudar um mundo com crescente demanda por proteína animal a matar sua fome.

Neste ponto, sinto-me um verdadeiro estraga prazeres por trazer à tona que, a despeito do enorme avanço em relação à “**A Grande Sombra da Pecuária**”, esse relatório tem também seus pecados e aparentemente uma fatia maior deles afeta o Brasil.

Em Abril deste ano, um grupo de pesquisadores da Embrapa envolvidos com o assunto recebeu uma versão preliminar deste documento para avaliá-lo. Os principais problemas apontados pelo grupo de especialistas da Embrapa são listados abaixo:

- Não houve acesso a todas as informações utilizadas no trabalho, impossibilitando a devida avaliação crítica, mas que não impediu o grupo de identificar sérios problemas que, se não comprometem as linhas gerais, deixam especialmente as regiões menos desenvolvidas do planeta em desvantagem.

- Uma das maiores crítica seria que os dados utilizados são desatualizados, pois o critério foi utilizar dados até 2005, com a alegação de ser o último ano em que havia disponibilidade de um conjunto completo de informações. Pelo expressivo aumento dos índices de produção no Brasil e a redução no desmatamento nos últimos anos, nosso país ficou prejudicado na comparação com os demais.

- No caso da contabilização das emissões por desmatamento, foi usado o valor de emissão de carbono de árvores da floresta amazônica, enquanto a maior parte do desmatamento atual ocorre no Cerrado, cujo valor médio de emissão é obviamente muito

menor, evidentemente inflacionando os índices de emissão de GEE brasileiro.

- Há um erro nas projeções de desmatamento no Brasil, cuja taxa anual considerada pelo relatório leva a uma estimativa de área desmatada que ultrapassaria a atual área ocupada por pastagens!

- Há uma superestimativa dos valores utilizados no caso de emissão de óxido nitroso em pastagens, por considerar níveis de uso de adubos nitrogenados inexistentes.

Além da pura e simples restauração da verdade dos fatos, a grande preocupação seria o uso das informações deste relatório contra o setor pecuário do Brasil, por exemplo, pela criação de (ainda maiores) dificuldades de acesso aos mercados internacionais.

É fundamental que nós brasileiros, com ciência, sem paixão e com o melhor uso da diplomacia, façamos valer nossos argumentos para melhorar um importante documento que colocou-nos no rumo certo da discussão, mas não da forma mais justa. Na ordem natural das coisas, sem justiça não há paz e, sem paz, o progresso é lento. Justiça, paz e ações rápidas é o que precisamos para, no final deste século, confirmarmos os melhores cenários que o IPCC nos apresenta.

